

*Marcela Regina Vasconcelos da Silva*<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, foi discutida a relevância do ensino de gêneros discursivos nas aulas de Português para o Ensino Médio, refletindo acerca da importância de desenvolver um trabalho, em sala de aula, com gêneros da esfera jornalística. Para tanto, além da revisão bibliográfica, foi realizada a análise de planos de ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Médio de colégios particulares recifenses. Os resultados obtidos indicam que o trabalho com textos jornalísticos não contempla gêneros de grande importância nessa esfera e precisa ser redirecionado, para que possa contribuir com a formação de alunos aptos para exercer plenamente seu direito à cidadania.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Portuguesa; gêneros do discurso; textos jornalísticos.

### **Journalistic genres in High School's classroom: Reflections about teaching Portuguese**

**Abstract:** The present study discusses the importance of teaching discursive genres in Portuguese language classes in high school, reflecting on the importance of developing classroom work with journalistic genres. For such, a literature review was carried out, along with an analysis of teaching plans for high school Portuguese classes in private schools in the city of Recife (Brazil). The results indicate that work with journalistic texts does not involve genres of importance in this realm and needs to be redirected in order to contribute better to the education of students capable of fully exercising their civil rights.

**Keywords:** teaching Portuguese, genres of discourse, journalistic texts.

## **1 INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como objetivo suscitar a reflexão acerca da importância do ensino de gêneros discursivos nas aulas de Língua Portuguesa para o Ensino Médio (doravante EM), apresentando, como objetivos específicos, o propósito de discutir a relevância de realizar um trabalho com gêneros discursivos da esfera jornalística nesse nível de ensino, bem como verificar quais são os gêneros dessa esfera que têm sido objeto de estudo das aulas de Língua Portuguesa de três colégios particulares do Recife, capital pernambucana.

Para tanto, foi feita a revisão dos estudos teóricos de Bakhtin (2000[1979]); Bonini (2008); Fairclough (2002); Kleiman (2006); Koch (2002); Marcuschi (2007); Mendonça & Bunzen (2006); Rodrigues (2006); Rojo (2005) e Soares (2006). Em seguida, foi feito o levantamento dos gêneros jornalísticos presentes em nove planos de ensino

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Estudante pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Enunciativa e Sócio-Interacional (GPLEI). Docente dos Departamentos de Administração e Letras da Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). E-mail: vasconcelos83@yahoo.com.br

de Língua Portuguesa, relativos às três séries do EM de cada um dos colégios analisados. As escolas cujos planos de ensino foram analisados nesse estudo estão situadas na zona sul da cidade do Recife, funcionam há mais de dez anos, trabalham com os três níveis da educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) e atendem a um público de classe média-alta.

A realização deste estudo se justifica pelo fato de que avaliações oficiais de nível nacional, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), têm apontado que muitos alunos do EM brasileiro não têm conseguido desenvolver suficientemente as competências de linguagem necessárias à sua inserção social. Tal fato sinaliza a necessidade urgente de que sejam desenvolvidas mais pesquisas que ajudem a compreender a razão desse fenômeno e ofereçam subsídios para revertê-lo.

A preocupação com a reversão desse quadro se evidencia, inclusive, em documentos oficiais, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), entre outros, que discutem princípios teórico-metodológicos para a construção de competências e habilidades imprescindíveis às práticas de leitura e escrita.

Em virtude da importância dos gêneros jornalísticos nas práticas comunicativas do mundo social, a escola não pode negligenciar o trabalho pedagógico com esses gêneros.

## 2 A RELEVÂNCIA DO ENSINO DE GÊNEROS DISCURSIVOS

Embora haja muitos documentos oficiais que enfatizam a importância da elaboração de currículos plurais e interdisciplinares embasados nos resultados das diversas pesquisas desenvolvidas na área da linguagem, o que se observa, em grande parte das salas de aula do EM, é uma prática pedagógica desvinculada da reflexão científica, privilegiando uma concepção de aprendizagem passiva, segundo a qual o aluno aprenderia a usar a língua de maneira pertinente e produtiva por meio da transmissão de conhecimentos acerca da linguagem. Nesse contexto, são valorizados os exercícios de treinamento de certos comportamentos verbais, dando ênfase a *dicas para escrever bem* textos dissertativos-argumentativos, alegando-se que esses são os mais cobrados nos exames vestibulares.

Diante disso, compreende-se por que o ensino de Língua Portuguesa tem ignorado o que é seu dever fundamental: formar exímios leitores e produtores de texto proficientes, que saibam usar os recursos linguísticos da maneira mais adequada para a consecução de seus propósitos comunicativos.

Em vez de privilegiar o conhecimento sobre a língua, é necessário que o ensino se concentre nos conhecimentos para os usos da língua, os quais devem ser o foco do trabalho realizado em sala de aula. Para tanto, é fundamental que seja realizado um trabalho a partir da perspectiva do letramento.

Soares (2006) explica que a palavra *letramento*, que se constitui como uma versão para a Língua Portuguesa da palavra inglesa *literacy*, diz respeito à condição do indivíduo que, além de saber ler e escrever (ou seja, além de dominar a “tecnologia” do ler e escrever), se apropriou das competências necessárias para se inserir em práticas sociais de leitura e escrita.

Consequentemente, um trabalho pedagógico consoante com a perspectiva do letramento proporcionará aos alunos que já se apropriaram da leitura e da escrita a sua inserção nas práticas sociais que demandam esses usos da linguagem.

Essas práticas sociais que envolvem o uso da leitura e da escrita são muito diversas e apresentam características específicas, conforme o domínio de atividade humana em que estão inseridas. Por essa razão, é necessário que a escola ensine ao aluno como se engajar em atividades de leitura e escrita diversificadas, privilegiando os diversos usos sociais da linguagem. No entanto, como denunciam Mendonça & Bunzen (2006, p. 17),

contemplar essa diversidade de usos culturais da escrita não é, muitas vezes, parte das metas da escola. Por isso, uma questão problemática que atravessa desde a pré-escola até o EM (e até mesmo a universidade) é **a lacuna entre as práticas de letramento realizadas na escola e as típicas de outras instituições/instâncias sociais.** (MENDONÇA; BUNZEN, 2006, p. 17, grifos dos autores).

Assim, percebe-se que o trabalho realizado na escola precisa focalizar as práticas de letramento, compreendendo-se letramento como o conjunto de práticas sociais mediadas por textos escritos. Como os domínios de atividades da vida humana são diversificados, existem diferentes práticas de letramento.

Para que possam se engajar nessas práticas de letramento, os sujeitos precisam realizar a interação verbal através de formas de organização textual-discursivas estabilizadas criadas socioculturalmente, as quais denominamos *gêneros do discurso*.

Os gêneros do discurso são o que Bakhtin (2000 [1979], p. 279) definiu como “tipos relativamente estáveis de enunciados” que circulam socialmente nas esferas de atividades humanas. Como são bastante diversificadas essas esfera, é natural que haja tantos tipos de enunciados, os quais são concretos e únicos.

Segundo Koch (2002, p. 54), “sendo as esferas de utilização da língua extremamente heterogêneas, também os gêneros apresentam grande heterogeneidade, incluindo desde o diálogo à tese científica”.

Isso se deve ao fato de que, em virtude das especificidades de cada esfera de comunicação verbal, surgiram muitas necessidades comunicativas, que proporcionaram formas de utilização da língua tão diversificadas quanto essas esferas. Essas diversas formas de utilização da língua são materializadas pelos variados gêneros do discurso.

Segundo Bakhtin (2000 [1979], p. 279),

a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Consequentemente, é necessário considerar a imensa heterogeneidade dos gêneros do discurso, que se constituem como ações linguísticas concretas, definidas por funções sociocomunicativas, ao contrário dos tipos textuais, que são definidos por suas características linguísticas e estruturais.

Embora apresentem características linguísticas e estruturais específicas, os gêneros não podem ser determinados por esse tipo de critério, uma vez que são fenômenos históricos intrinsecamente relacionados à vida sociocultural. Assim, é necessário ter em vista que a natureza dos gêneros é altamente dinâmica e plástica, visto que se constituem como um produto social e, como tal, acompanham as transformações pelas quais passa a sociedade.

Desse modo, para caracterizar os gêneros, importam mais os aspectos comunicativos e funcionais que os aspectos linguísticos e estruturais. Apesar de haver gêneros mais padronizados e estereotipados que outros, como são os gêneros da esfera

oficial, que são mais prescritivos, é imprescindível reconhecer que os gêneros do discurso não são entidades estanques, apresentam-se altamente dinâmicos, maleáveis e plásticos, o que permite, inclusive, a realização de um gênero com o formato de outro.

Logo, os gêneros não se restringem a formas estruturais e linguísticas: mais do que estruturas à disposição dos sujeitos, os gêneros, conforme explica Marcuschi (2007, p. 19), “são entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”.

Assim, para compreender a importância dos gêneros discursivos para as atividades comunicativas do dia a dia, não basta se deter a aspectos linguísticos e estruturais, visto que são mais relevantes os aspectos comunicativos e funcionais. Gêneros não se limitam a formas linguísticas com uma estrutura pré-definida, caracterizam-se como formas de agir sociodiscursivamente em situações comunicativas específicas.

Consequentemente, os gêneros se caracterizam como os textos de realização empírica em situações comunicativas específicas. Atendendo a um propósito comunicativo, os gêneros discursivos se constituem como realizações concretas cujas características predominantes são as sociocomunicativas, que envolvem conteúdo temático, estilo verbal e propriedades composicionais. De acordo com Bakhtin (2000 [1979], p. 279),

esses três elementos (conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação.

Como estão diretamente relacionados às situações sociais em que circulam, as características temáticas, estilísticas e composicionais dos gêneros são escolhidas em função dessas situações. Na realidade, é a própria situação de uso que determina a escolha do gênero.

Ao se engajar numa situação comunicativa, o sujeito precisa tomar uma série de decisões, sendo a primeira delas a escolha do gênero. Essa escolha é estrategicamente realizada tendo em vista (1) os parâmetros da situação social específica em que ocorre a interação e (2) os usos atribuídos aos gêneros no intertexto, constituído pelo conjunto de gêneros elaborados histórica e socioculturalmente.

Conforme explica Koch (2002, p. 55), “a escolha do gênero se dá em função dos parâmetros da situação que guiam a ação e estabelecem a relação meio-fim, que é a estrutura básica de uma atividade mediada”.

Disso resulta a importância de o sujeito dominar um repertório amplo de gêneros, para que possa realizar essa escolha de maneira adequada, bem como para que possa produzir o texto a ser realizado por meio do gênero escolhido de maneira pertinente. Por esse motivo, Marcuschi (2007, p. 29)) afirma que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.”

Diante disso, compreende-se por que é imprescindível que haja, por parte do sujeito, o domínio de uma grande variedade de gêneros discursivos, pois isso permitirá a sua atuação, de acordo com os seus objetivos, nas mais diversas situações de comunicação. Por essa razão, o ensino de língua materna, em qualquer nível, não pode ignorar esse fato, cabendo-lhe o importante papel de garantir ao aluno a integração a diversos usos de gêneros discursivos, uma vez que os gêneros estabilizam elementos formais e rituais das diversas práticas sociais nas quais será necessário agir discursivamente.

Portanto, é primordial desenvolver no educando o domínio de um rico repertório de gêneros do discurso, pois, conforme enfatiza Bakhtin (2000 [1979], p. 304),

é de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles (quando isso nos é possível e útil), que refletimos, com maior agilidade, a situação irreproduzível da comunicação verbal, que realizamos, com o máximo de perfeição, o intuito discursivo que livremente concebemos.

O domínio de gêneros discursivos diversos é, portanto, imprescindível para a atuação em variadas situações sociocomunicativas, cada uma das quais com objetivos comunicativos específicos e com modos de interação próprios, que determinam quais gêneros são adequados e quais não são permitidos.

Segundo Kleiman (2006, p. 25), “as nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, e é através da linguagem, nas suas diferentes modalidades, que realizamos muitas das ações que nos interessam”.

Nesse mundo social em que as nossas atividades são realizadas, há esferas de atividades distintas, e êxito na atuação dos indivíduos nessas esferas exige o

conhecimento das práticas específicas, as quais são mediadas por gêneros do discurso, envolvidas nas instituições em que essas atividades se concretizam.

Conforme existem diferenças nos eventos de fala e de letramento entre as esferas em que essas atividades ocorrem, há diferenças nas atitudes e nos comportamentos verbais necessários para a inserção nessas esferas. Para que possa compreender os usos da linguagem que são pertinentes aos seus objetivos comunicativos em cada uma dessas esferas, o sujeito precisa ser letrado. A ação social será possível mediante o letramento do indivíduo para cada uma das situações em que pretende se engajar.

Como essas práticas são bastante específicas, não é interessante falar em *letramento*, mas em *letramentos*, pois existem práticas de letramento bastante específicas. Em virtude dessa necessidade de participar de eventos mediados pela leitura e pela escrita com funções e características específicas, é relevante reconhecer a existência de *práticas de letramentos situadas*.

Assim, cada uma das instâncias sociais em que a interação se desenvolve exige o domínio de competências específicas para a inserção nos eventos discursivos que lhes são próprios. Uma dessas instâncias sociais é o domínio jornalístico, cada vez mais importante para a atuação dos sujeitos na sociedade.

### **3 OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA SALA DE AULA DO EM**

O desenvolvimento das competências necessárias para a atuação em práticas de letramento situadas no domínio jornalístico é cada vez mais importante em nossa sociedade, para que sejam formados alunos letrados para a cultura e para o exercício pleno da cidadania.

Os gêneros inseridos na esfera jornalística desempenham um papel de grande relevância na formação da opinião pública e na circulação de saberes e de informações. Por isso, é fundamental que a escola possibilite um trabalho crítico com esses gêneros, a fim de que o aluno possa analisar a influência que a mídia exerce na sociedade.

Apesar disso, encontram-se entraves à realização desse tipo de trabalho, já que alguns docentes defendem que, ao transpor um gênero de uma dada prática institucional para o contexto escolar, o gênero perde a sua identidade, descaracterizando-se.

Desse modo, o gênero trabalhado em sala de aula passa necessariamente por uma transformação, visto que se torna uma variação do gênero de referência, pois deixa de funcionar na sua instituição de origem e não mais apresenta o seu objetivo primeiro. Conforme explica Koch (2002, p. 56),

a situação escolar apresenta uma particularidade: nela se opera uma espécie de desdobramento que faz com que o gênero deixe de ser apenas ferramenta de comunicação, passando a ser, ao mesmo tempo, objeto de ensino/aprendizagem.

No entanto, esse fato não justifica a decisão de não trabalhar, em sala de aula, gêneros cuja instituição de origem não é a escola, uma vez que os gêneros não são ferramentas estanques e as ações mediadas por eles não estão sedimentadas em certos eventos discursivos. De acordo com Fairclough (2002), as transformações sociais proporcionadas pela globalização têm provocado, cada vez mais, um desentrosamento dos gêneros de suas práticas institucionais de origem.

Diante disso, não se justifica que a escola rejeite gêneros discursivos que provêm de outras instituições, pois esse desentrosamento é um fenômeno corrente na sociedade. Além disso, se a escola não trazer gêneros de outras instituições para a sala de aula, limitará a aprendizagem dos alunos, já que os educandos não terão oportunidades para analisar esses textos nas aulas de Língua Portuguesa.

Por esse motivo, é bastante pertinente a posição defendida por Kleiman (2006, p. 27-28), segundo a qual,

sendo o assunto relevante ou interessante para os alunos, é tão legítimo ler e comentar gêneros jornalísticos na escola como o é na mesa do café da manhã, no boteco da esquina ou na banca de jornal. E, assim como os gêneros jornalísticos, há outros gêneros, de outras instituições culturais, que mantêm sua identidade nos diversos circuitos pelos quais atravessam: os gêneros literários, os gêneros musicais, enfim, aqueles gêneros que mais tradicionalmente têm sido utilizados como material de leitura nos livros didáticos. Ninguém questiona a “autenticidade” das práticas de leitura desses gêneros, que se originam em instituições outras que a escola.

Assim, a escola não pode negar o seu papel de formadora de cidadãos críticos, capazes de compreender e analisar textos presentes em todas as esferas sociais, entre os quais, destacam-se os textos jornalísticos, que devem estar presentes, como objetos de estudo, nas aulas de Língua Portuguesa, haja vista que se constituem como atividades comunicativas coletivas e dinâmicas. Como enfatiza Rojo (2005, p. 207),

no Brasil, com seus acentuados problemas de iletrismo, a necessidade dos alunos é de terem acesso letrado a textos (de opinião, literários, científicos, jornalísticos, informativos etc) e de poderem fazer uma leitura crítica e cidadã desses textos.

Todavia, os resultados obtidos por meio da realização dessa pesquisa indicam a existência de uma situação preocupante. Nos três colégios particulares analisados, constata-se uma quantidade insuficiente de gêneros jornalísticos sendo trabalhados em sala de aula, conforme se pode verificar no quadro 1.

| Séries | Colégio 1 | Colégio 2  | Colégio 3             |
|--------|-----------|------------|-----------------------|
| 1º Ano | —         | Notícia    | Notícia<br>Reportagem |
| 2º Ano | Notícia   | Reportagem | Carta do leitor       |
| 3º Ano | —         | —          | —                     |

Quadro 1: Gêneros discursivos do domínio jornalístico trabalhados em aulas de Português do EM de colégios particulares do Recife.

A análise dos planos de ensino para as turmas de EM de três colégios particulares do Recife mostrou que apenas a notícia, a reportagem e a carta do leitor são objeto de ensino nas aulas de Língua Portuguesa para o EM.

Tal situação é insustentável, pois sinaliza que o trabalho desenvolvido na escola tem negligenciado diversos gêneros da esfera jornalística, como o artigo de opinião, o editorial, a crítica, a charge, a nota, a entrevista, o perfil, a crônica jornalística, entre tantos outros.

Nos resultados apontados, verificamos que o colégio 1 trabalha um único gênero jornalístico durante todo o EM: a notícia. O colégio 2 trabalha esse gênero no 1º Ano e a reportagem no 2º Ano do EM. O colégio 3 é o único que desenvolve um trabalho com um gênero jornalístico de cunho argumentativo: a carta do leitor.

É importante que a escola amplie o repertório de gêneros jornalísticos. Um trabalho com textos jornalísticos de cunho predominantemente narrativo ou expositivo, como a entrevista, a nota, o perfil, entre outros, é de grande relevância para que os alunos analisem os recursos por meio dos quais o mundo textual é construído

nesses gêneros. A investigação das escolhas lexicais, por exemplo, é essencial para a análise da suposta neutralidade desses gêneros.

Igualmente relevante é o estudo de gêneros de cunho argumentativo, tais como o artigo de opinião, o editorial, a resenha etc., a fim de que os educandos compreendam como os cidadãos podem manifestar suas opiniões, pontos de vista e críticas e, dessa forma, também aprendam como produzir esses gêneros, para que possam agir discursivamente nos momentos em que, assumindo seu papel de cidadão, desejam posicionar-se nessa esfera pública.

Também são importantes objetos de estudo gêneros como as tirinhas e as charges, já que os textos realizados por meio desses gêneros são extremamente curtos e exigem, para a leitura, a ativação de importantes processos inferenciais, que devem ser trabalhados em sala de aula. Além disso, as charges, cuja leitura exige a ativação de conhecimentos prévios acerca de temas contemporâneos de grande interesse socioeconômico e político, são excelentes para um trabalho que tenha por objetivo desenvolver a criticidade e o poder de argumentação dos alunos.

Por fim, chama atenção o fato de que nenhum dos três colégios realiza algum tipo de trabalho com gêneros jornalísticos no 3º Ano do EM. Essa decisão se deve ao fato de que, nessa série, as atividades pedagógicas estão voltadas para o vestibular e o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

Contudo, é imprescindível esclarecer que o fato de que os alunos passarão em breve por processos seletivos não pode ser uma justificativa para a realização de um trabalho reducionista, que impeça ou dificulte a sua formação como indivíduo atuante em práticas sociais diversificadas. Além disso, esse deveria ser o momento em que os alunos mais deveriam ter acesso aos textos do domínio jornalístico, visto que precisam estar bem informados acerca dos fatos recentes mais relevantes para a sociedade.

Urge, portanto, trazer para a sala de aula mais gêneros da esfera jornalística, uma vez que o trabalho com esses gêneros permite a construção das competências necessárias para o domínio das condições de produção e circulação do discurso jornalístico, possibilitando ao aluno o conhecimento linguístico-discursivo que a produção e a compreensão desses gêneros exigem.

Conforme defende Bonini (2008, p. 47), “o estudo dos gêneros jornalísticos (bem como dos demais gêneros que compõem o conjunto mais amplo das manifestações da comunicação de massa) apresenta uma grande relevância social”. Logo, realizar um

trabalho pedagógico com apenas três gêneros da esfera jornalística é insuficiente para que o aluno construa esses conhecimentos linguístico-discursivos necessários à sua inserção nas práticas de letramento situadas no domínio jornalístico. Sem que esteja letrado para essas práticas, o aluno não terá condições para desenvolver um posicionamento crítico diante dos discursos que circulam na esfera jornalística.

É inadmissível que a escola não assuma verdadeiramente seu papel na construção de conhecimentos por parte dos alunos em relação a textos tão importantes para a vida social, os quais se constituem como alguns dos gêneros que mais promovem os usos públicos da linguagem e, como tal, têm grande relevância na circulação de discursos e na formação da opinião pública.

Tornar os gêneros da esfera discursiva objetos de estudo nas aulas de Língua Portuguesa, mais que pertinente, é imprescindível para a atuação social, uma vez que, por meio deles, o cidadão toma conhecimento e analisa fatos, manifesta pontos de vista e age no mundo social. Além disso, como enfatiza Rodrigues (2006, p. 213), “atualmente, no jornalismo, estão representadas, com maior ênfase, as posições político-ideológicas dos grupos sociais dominantes”.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise dos planos de ensino de escolas particulares do Recife permitiu a constatação de que não tem sido dada a devida atenção aos gêneros da esfera jornalística nas aulas de Língua Portuguesa para o EM.

É imprescindível reverter esse quadro, pois o trabalho com gêneros jornalísticos, se bem realizado, pode ser muito profícuo, já que esses gêneros possibilitam o debate, a refutação de ideias e a negociação de sentidos sobre fatos do cotidiano, permitindo, inclusive, a análise dos mecanismos ideológicos da comunicação jornalística no quadro da comunicação social.

Como os textos realizados por meio desses gêneros têm ampla circulação social e despertam o interesse de muitos cidadãos, um trabalho com eles, em sala de aula, apresenta grande possibilidade de despertar um maior interesse por parte dos alunos, uma vez que poderá ser criada uma identificação entre as atividades pedagógicas desenvolvidas e as práticas sociais de que esses educandos fazem (ou querem fazer) parte.

Não se pode esquecer que é função do professor de Português selecionar, para o trabalho pedagógico, gêneros das esferas discursivas relevantes para a inserção dos alunos nas diversas práticas de letramento desenvolvidas pela nossa sociedade. Entre essas esferas, merece atenção a jornalística, cujos gêneros devem ser objeto, em sala de aula, de um trabalho pertinente e produtivo, o que será bastante apropriado para a inserção do aluno em práticas de letramento do mundo social.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 3. ed. Trad. de Maria Ermantina Galvão; rev. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1979]. p. 277-326.
- BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2002.
- KLEIMAN, Ângela. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. Os gêneros do discurso. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MENDONÇA, Márcia; BUNZEN, Clécio. Sobre o ensino de língua materna no ensino médio e a formação de professores: uma introdução dialogada. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. In: ROJO, R. (org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas: Mercado das Letras, 2006.
- ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. 11. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.